

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ – CCCO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KATIANA LIMA FERNANDES DE ALENCAR

**Entrelaçando histórias de formação: narrativas do estágio na Educação de
Jovens, Adultos e Idosos**

CODÓ
2025

KATIANA LIMA FERNANDES DE ALENCAR

Entrelaçando histórias de formação: narrativas do estágio na Educação de
Jovens, Adultos e Idosos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Centro de Ciências de Codó,
da Universidade Federal do Maranhão,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado(a) em Pedagogia.

Prof. Dr. João Rudá Meneses Macedo

CODÓ
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Alencar, Katiana Lima Fernandes de.

Entrelaçando histórias de formação: narrativas do estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos / Katiana Lima Fernandes de Alencar. - 2025.

29 p.

Orientador(a): João Rudá Meneses Macedo.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó - Maranhão, 2025.

1. Estágio Supervisionado. 2. Narrativas Formativas. 3. Educação de Jovens, Adultos e Idosos. 4. Autobiografia. I. Macedo, João Rudá Meneses. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

KATIANA LIMA FERNANDES DE ALENCAR

Entrelaçando histórias de formação: narrativas do estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado(a) em Pedagogia.

Data da defesa: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Rudá Meneses Macedo – UFMA
Orientador

Prof^a. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa – UFMA
1^a Avaliadora

Prof. Dr. Joelson de Sousa Moraes – UFMA
2^o Avaliador

Com o coração cheio de alegria, dedico este trabalho à minha família, meu maior patrimônio de amor, cujo apoio incondicional, tornou tudo possível.

Com profundas reverências, agradeço ao Espírito Santo, a luz divina que guiou cada pensamento em toda essa jornada.

Por fim, à Santa Teresinha do Menino Jesus, com imensa gratidão, por sua intercessão e por me ensinar a beleza do amor nos detalhes mais simples.

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim da minha jornada acadêmica com o coração cheio de alegria gratidão, ciente de que esta conquista não é apenas minha, mas fruto de um propósito maior e do apoio incondicional de seres de luz. Primeiramente, minha mais profunda reverência e gratidão ao Espírito Santo, meu Senhor e Salvador. Sua infinita esperança e misericórdia foram o alicerce que me sustentou em cada passo, nos momentos de incerteza, sua graça me fortaleceu, capacitando-me a superar cada obstáculo e a alcançar este objetivo tão sonhado. Que este trabalho seja um singelo testemunho da sua grandeza e do seu amor que tudo pode. Agradeço também à Santa Teresinha do Menino Jesus, que com seu amor e intercessão, segurou firmemente a minha mão, impedindo-me de cair e guiando-me pelos caminhos mais difíceis com sua luz. Minha mais sincera homenagem e eterno amor à minha família. FAMÍLIA LIMA, Mãe, irmãos, filhos, tios, primos (a) o meu porto seguro onde sempre encontrei refúgio e inspiração. Em especial, à minha amada mãe, Antônia Lima (Dona Preta). Sua vida é um verdadeiro poema de superação, quebradeira de coco, lavradora, mãe solo de quatro filhos e ainda cuidando de cinco irmãos, você jamais desistiu de me proporcionar a maior herança que os pais podem deixar aos filhos que é os estudos. Mãe, graças ao seu sacrifício, sua garra e sua crença inabalável no poder da educação, hoje sou Pedagoga. Sua trajetória é a minha maior prova de que o amor e a resiliência podem transformar vidas, sou eternamente grata. Aos meus amados filhos, Alerrandro, Isadora, Layla e Kawan, minha netinha Maria Lis vocês são a melodia da minha vida e a verdadeira razão de cada conquista. Em cada cansaço, cada dúvida, a imagem de vocês me impulsionava a continuar. Foram vocês que, com seu amor e presença, me motivaram a não desistir nos momentos de fraqueza, e a buscar um futuro melhor para todos nós. Ao meu esposo, José Fernandes, meu parceiro de vida e de sonhos. Seu apoio foi a base em que me apoiei, desde o incentivo para me inscrever no ENEM e o acompanhamento metódico de todo o processo de inscrições, até a sua paciência infinita e o amor nos momentos mais difíceis, quando a ansiedade me consumia. Sua ajuda nas atividades acadêmicas foi um bálsamo e sua parceria tornou essa jornada possível. Muito obrigada por tudo.

Minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Doutor João Rudá, tive a honra de ser orientada por sua sabedoria e serenidade, sua paciência exemplar e a paz que transmitia foram essenciais para que eu chegasse até aqui, com um trabalho do qual

me orgulho. À Banca Examinadora, Professora Doutora Cristiane Dias e Professor, Doutor, Joelson Moraes, agradeço por dedicarem seu tempo e conhecimento para avaliar este trabalho, contribuindo com suas valiosas considerações.

Aos meus amigos acadêmicos e ao meu grupo de trabalho, que compartilharam comigo cada desafio e cada vitória, desde o primeiro semestre até a conclusão do curso. Vocês fizeram a diferença! E, de forma especial, ao José, um verdadeiro amigo-irmão. Sua presença constante e sua ajuda inestimável em todo o percurso da minha vida acadêmica foram um presente valioso.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão à minha gestora, Mônica, por sua gentileza e paciência em todas as vezes que precisei me ausentar do trabalho para me dedicar aos estudos. E ao amigo Viana, que com generosidade, assumiu minhas responsabilidades no trabalho, em tantas ocasiões, permitindo que eu seguisse meu caminho acadêmico.

Por fim, com um sentimento que transcende a gratidão, um agradecimento que brota das mais profundas raízes da minha alma, dedico estas palavras à minha amada comadre Denise Campos. Em cada um dos nossos encontros, em cada visita, suas palavras não eram meros sons, mas sim um bálsamo que acalmava as incertezas e acendia a chama da esperança. Com uma sabedoria que me tocava profundamente, ela sempre me impulsionou com palavras de força, aconselhando-me com a doçura de quem acredita e lembrando-me, incessantemente, de que eu era e sou capaz de desdobrar as asas do meu potencial mais elevado, de abraçar a continuidade dos meus estudos e de, finalmente, alcançar a tão sonhada e merecida formação. Suas palavras, Denise, não foram apenas um incentivo; elas foram o mais puro e vital combustível para a minha alma, uma fonte inesgotável de coragem que me impulsionou a cada passo, transformando desafios em degraus. A sua crença em mim foi um presente inestimável, um farol que iluminou os caminhos mais escuros. Sua presença e seu apoio incondicional foram pilares que me mantiveram firme, e a gratidão que sinto por você é um sentimento eterno, gravado para sempre no meu coração. Apesar da distância, jamais esqueço de você, minha comadre, e nada impede o carinho imenso que tenho por você e sua família.

Meu muito obrigada a todos que, de alguma forma, com um gesto, uma palavra, um sorriso ou um ombro amigo, contribuíram para a realização deste sonho e para a

minha formação. Que o Espírito Santo abençoe cada um de vocês abundantemente. Hoje, com alegria, posso dizer a todos familiares e amigos, eu consegui! Sou pedagoga.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender experiências vividas durante o estágio supervisionado na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), realizado na Unidade Escolar Municipal Maria Alice Machado, em Codó (MA). O relato adota uma abordagem qualitativa, baseada em registros narrativos autobiográficos, que discutem as relações estabelecidas com discentes da Unidade Escolar Municipal Maria Alice Machado, em Codó (MA), com a professora regente e a equipe escolar, além de discutir os desafios enfrentados no contexto do ensino noturno e do ano eleitoral de 2024. O percurso do estágio foi desenvolvido em etapas: observação participante, regência e elaboração de um projeto de intervenção pedagógica interdisciplinar envolvendo as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. As análises destacam o impacto do estágio na formação docente inicial, evidenciando a construção de identidades profissionais e a ressignificação do papel do educador na EJA. As conclusões apontam a potência do estágio como espaço de aprendizagens significativas, relações afetivas e desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondem às especificidades dos sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades e ausências estruturais.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Narrativas Formativas; Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Autobiografia.

ABSTRACT

This article aims to present a formative narrative based on experiences during the supervised internship in Youth, Adult and Elderly Education (EJA), carried out at the Maria Alice Machado Municipal School Unit in Codó (MA). The report adopts a qualitative approach with emphasis on autobiographical narrative records, exploring the relationships established with students, the supervising teacher and the school team, as well as the challenges faced in the context of night school and an election year. The internship was developed in stages: participant observation, teaching practice, and the elaboration of an interdisciplinary pedagogical intervention project involving the fields of Portuguese Language and Mathematics. The analyses highlight the impact of the internship on initial teacher training, evidencing the construction of professional identities and the redefinition of the educator's role in EJA. The conclusions point to the internship's potential as a space for meaningful learning, affective relationships, and the development of pedagogical practices that respond to the specificities of Youth, Adult and Elderly Education students, especially in contexts marked by vulnerabilities and structural absences.

Keywords: Supervised Internship; Formative Narratives; Education for Young People, Adults and the Elderly; Autobiography.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 Costura Metodológica.....	9
3 Tessitura analítica dos resultados da escrita de si.....	11
4 Conclusão.....	21
Referências.....	24

1 Introdução

Este artigo apresenta uma narrativa formativa construída a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), realizado na Unidade Escolar Municipal Maria Alice Machado, no município de Codó, Maranhão. A escrita se ancora em registros autobiográficos, destacando as relações estabelecidas com os estudantes, a professora regente e a equipe escolar, bem como os desafios enfrentados no ambiente da educação noturna.

Durante o estágio, que aconteceu no segundo semestre de 2024, percebi de perto como o período eleitoral modificou a rotina da escola. Muitos alunos se afastaram das aulas para trabalhar temporariamente nas campanhas, aproveitando uma oportunidade de ganhar uma renda extra. Isso não foi algo isolado da minha turma, mas um movimento que atingiu a escola inteira. A professora titular me contou que a turma começou o ano com 24 alunos, mas que, aos poucos, esse número foi caindo. Havia uma esperança de que, passada a correria das eleições, alguns alunos voltassem, mas infelizmente isso não aconteceu.

Esse cenário me fez pensar sobre o quanto a necessidade de trabalhar e garantir o sustento pode pesar mais do que a vontade ou a possibilidade de continuar estudando. Foi um aprendizado doloroso, que mostrou como a evasão escolar na EJA não acontece só por desinteresse ou falta de disciplina, mas também por pressões e escolhas difíceis que essas pessoas precisam fazer todos os dias. Isso me ajudou a entender a importância de políticas públicas e de um olhar mais atento da escola para apoiar e acolher os estudantes, principalmente em contextos como esse.

A escolha pela abordagem narrativa justifica-se pela sua potência em valorizar os relatos de experiência como forma de produção de conhecimento e construção de identidades profissionais. As narrativas autobiográficas permitem compreender os processos formativos em sua dimensão subjetiva, conectando vivências singulares com os contextos sociais e institucionais nos quais ocorrem (Nóvoa; Finger, 2019). Em diálogo com a proposta do dossiê temático “Narrativas (auto)biográficas em processos formativos”, este trabalho busca visibilizar as experiências de estágio como espaços de reflexão, invenção e recriação da prática pedagógica.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos, por sua natureza complexa e por congrega sujeitos com trajetórias de vida marcadas por rupturas, desafios e

resiliências, constitui um campo privilegiado para o exercício da escuta, da empatia e do reconhecimento das múltiplas formas de saber e aprender. Nesse sentido, o estágio supervisionado desenvolvido na referida escola, em turmas do segundo segmento da EJA, representou uma oportunidade singular para experimentar práticas pedagógicas contextualizadas e significativas, que dialogassem com os conhecimentos prévios dos estudantes e com suas vivências fora da escola.

O percurso formativo foi desenvolvido em etapas que envolveram observação participante, planejamento e execução de atividades pedagógicas e elaboração de um projeto interdisciplinar com foco em Língua Portuguesa e Matemática. As vivências registradas ao longo desse percurso revelaram não apenas a necessidade de adaptação às especificidades do público atendido, mas também a importância de uma prática docente crítica e sensível às condições sociais, econômicas e culturais que atravessam o cotidiano da EJA.

Além de relatar experiências pedagógicas, o presente texto também busca refletir sobre os desafios institucionais enfrentados, como a precariedade das condições de trabalho, a sobrecarga docente e as dificuldades de infraestrutura, que impactam diretamente a qualidade da educação oferecida a jovens, adultos e idosos. Essas reflexões se inscrevem na perspectiva de que a escrita de si, ancorada em práticas formativas, pode contribuir para a construção de uma consciência crítica e engajada com a transformação social.

Assim, o artigo propõe-se a narrar e analisar experiências formativas vividas no estágio supervisionado na EJA, buscando problematizar as relações entre teoria e prática na formação inicial de professores e contribuir para o debate sobre o papel da educação de jovens, adultos e idosos na construção de uma escola pública inclusiva, democrática e socialmente referenciada.

2 Costura Metodológica

A presente investigação insere-se no campo da abordagem qualitativa, com ênfase (auto)biográfica, buscando compreender, a partir das escritas de si produzidas durante o estágio supervisionado, os modos pelos quais a experiência formativa articula saberes, afetos e deslocamentos subjetivos no processo de tornar-se docente.

O desenho metodológico foi orientado pela análise textual discursiva (ATD), conforme proposta por Moraes e Galiazzi (2011), por sua capacidade de captar a complexidade e a multiplicidade de sentidos que emergem das narrativas vividas, integrando dimensões subjetiva, contextual e teórica. A pesquisa foi realizada no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Codó, no contexto do estágio supervisionado realizado na Unidade Escolar Municipal Maria Alice Machado, situada na cidade de Codó (MA), entre os meses de agosto e novembro de 2024. Esta escola, vinculada à rede municipal de ensino, atende à Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), oferecendo um espaço marcado por diversidade de trajetórias e desafios pedagógicos.

O corpus empírico foi composto por materiais produzidos durante a experiência de estágio: diários reflexivos elaborados ao final de cada jornada, contendo descrições, reflexões e sentimentos; planos de ensino e planejamentos pedagógicos, alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar; registros fotográficos e audiovisuais documentando práticas pedagógicas e interações; e fichas de observação e avaliação. Esses materiais foram organizados cronologicamente e codificados para sistematização e posterior análise.

A análise textual discursiva foi conduzida em etapas sucessivas. Primeiramente, realizou-se a unitarização do corpus, identificando unidades de significado relevantes a partir das leituras completas do material. Cada unidade foi registrada com indicação da fonte, data e contexto.

Em seguida, as unidades foram agrupadas por semelhança temática e afinidades interpretativas, permitindo a construção progressiva de categorias emergentes. As leituras foram orientadas por questões como: que aspectos da prática e da formação aparecem como tensões ou deslocamentos? Quais elementos apontam para aprendizagens e ressignificações? Quais relações se estabelecem entre o vivido e o pensado?

A partir dessas leituras, delinearam-se três categorias interpretativas: mediação pedagógica e escuta da diversidade; conflito e elaboração identitária; escrita de si e ressignificação formativa. As categorias foram posteriormente analisadas à luz de referências teóricas como Passeggi (2008), Josso (2010) e Moraes e Galiazzi (2011), compondo uma interpretação coerente das experiências narradas. Para garantir o rigor interpretativo, o corpus original foi continuamente consultado durante a redação das análises, de modo a manter a integridade do material e a consistência das interpretações.

Como se trata de uma pesquisa de natureza autobiográfica, em que o sujeito pesquisador narra e interpreta a própria experiência, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética, uma vez que não envolveu coleta de dados identificáveis de outros participantes, respeitando as diretrizes da Resolução CNS nº 510/2016. No entanto, houve o cuidado ético de anonimizar referências a outras pessoas eventualmente mencionadas nos registros e de utilizar imagens e materiais produzidos apenas pelo pesquisador.

3 Tessitura analítica dos resultados da escrita de si

A análise do corpus empírico produzido na experiência de estágio na modalidade EJA foi conduzida com base na análise textual discursiva (ATD), conforme proposta por Moraes e Galiazzi (2011), permitindo a emergência de categorias a partir da leitura interpretativa do material narrativo e documental. Essa abordagem favoreceu a articulação entre o vivido, o pensado e o teorizado, reconhecendo a complexidade e a heterogeneidade dos sentidos atribuídos às experiências formativas. As categorias foram construídas progressivamente a partir da unitarização do corpus, que consistiu na leitura atenta e na identificação de unidades de significado, organizadas por convergências temáticas e tensionamentos interpretativos.

A primeira categoria identificada foi mediação pedagógica e escuta da diversidade. As experiências relatadas evidenciam a importância da mediação pedagógica como um processo de escuta atenta às especificidades e aos percursos de vida das alunas da EJA. A presença de mulheres de diferentes idades, histórias de vida e condições sociais impôs à prática pedagógica uma necessidade de adaptação constante, reconhecendo saberes prévios, acolhendo ritmos diversos e ressignificando o espaço escolar como lugar de encontro e diálogo. A mediação, nesse contexto, não se restringiu à transmissão de conteúdos, mas se configurou como uma prática de cuidado e respeito à diversidade, que encontrou eco na escuta atenta das alunas e na capacidade de ler para além do planejado. Essa dimensão se materializou na escolha de conteúdos que dialogassem com a realidade das alunas, como a ênfase na alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e a inclusão de atividades que aproximam a matemática do cotidiano, com o projeto de intervenção envolvendo compras e vendas.

A segunda categoria, conflito e elaboração identitária, emergiu da sobreposição entre a condição de estagiária e a vivência familiar, marcada pela presença de uma tia como aluna da turma. Essa sobreposição revelou tensões subjetivas em torno do papel assumido no estágio, mobilizando sentimentos de insegurança, medo e desconforto inicial. Entretanto, o enfrentamento dessas tensões permitiu a elaboração de uma identidade docente em formação, marcada por deslocamentos e ressignificações. A assunção da sala de aula durante a ausência da professora titular

intensificou essa experiência, demandando da estagiária uma postura mais autônoma e responsável. Esse movimento implicou revisitar valores, memórias e afetos, articulando a prática pedagógica ao reconhecimento de si como sujeito em processo formativo. A escolha de enfrentar os desafios, mesmo diante das inseguranças iniciais, evidencia um processo de elaboração identitária que não é linear, mas marcado por rupturas, reencontros e reconstruções contínuas.

A categoria escrita de si e ressignificação formativa se materializou na produção da carta como um gesto epistêmico e formativo. A escrita autobiográfica permitiu organizar experiências, refletir criticamente sobre os acontecimentos vivenciados e atribuir sentidos à trajetória percorrida. Essa prática de escrita, mais do que um exercício memorialístico, configurou-se como espaço de elaboração subjetiva e construção de saberes, articulando dimensões pessoais e profissionais. A escrita possibilitou evidenciar as dificuldades enfrentadas na conciliação entre estudo e trabalho por parte das alunas da EJA, a importância das políticas públicas para esse público e a urgência de pensar a escola como espaço inclusivo e de respeito à diversidade. Assim, a escrita de si tornou-se não apenas um registro de experiência, mas uma prática de análise, sistematização e produção de conhecimento sobre o campo formativo.

A análise das três categorias, ancorada na ATD e articulada com autores como Passeggi (2008), Josso (2010) e Moraes e Galiuzzi (2011), permitiu compreender a experiência do estágio na EJA como um processo reflexivo e inacabado, que articula afetos, saberes e práticas. Essa leitura interpretativa, além de manter a coerência com a metodologia adotada, possibilita que outros pesquisadores possam replicar a abordagem, desde a coleta e organização do corpus até a unitarização, categorização e interpretação, conferindo rigor metodológico e fidelidade ao vivido.

Mediação pedagógica e escuta da diversidade

As primeiras incursões na sala de aula da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) foram marcadas por um misto de nervosismo e esperança, sentimentos entrelaçados que emergiram ao adentrar o espaço escolar carregado de histórias de vida. A presença exclusiva de mulheres na turma – explicitada na escolha consciente de utilizar o pronome feminino ao longo da narrativa – não foi apenas um detalhe, mas uma chave interpretativa para compreender a diversidade de trajetórias e a pluralidade

de saberes que se entrecruzavam ali. Essa diversidade se manifestou não apenas nas diferenças etárias, mas também nas múltiplas experiências acumuladas fora dos muros da escola: trabalhadoras domésticas, lavradoras, mães, avós, mulheres negras, mulheres jovens e idosas, cujas presenças traziam consigo uma polifonia de vozes e silêncios.

A escuta atenta dessas vozes, mesmo quando fragmentadas e entrecortadas pelas dificuldades de leitura e escrita – como narrado na escolha quase unânime das alunas em priorizar a disciplina de Língua Portuguesa – configurou-se como uma prática pedagógica que ultrapassava o planejamento prévio. A decisão de trabalhar com atividades que privilegiavam o letramento e a alfabetização, assim como a tentativa de introduzir conteúdos matemáticos de maneira lúdica e próxima à realidade das alunas (como o projeto de intervenção com simulações de compras e vendas), não foi fruto apenas de uma orientação didática, mas de um processo reflexivo que buscava ouvir os desejos e as necessidades expressas por aquelas mulheres. A observação participante permitiu perceber que, por trás das dificuldades de aprendizagem, havia resistências e potências que se manifestavam na insistência em estar ali, mesmo após jornadas extenuantes de trabalho e com filhos pequenos acompanhando as aulas.

Nesse sentido, a mediação pedagógica se desdobrou em práticas de escuta, acolhendo ritmos diversos, adaptando atividades e criando condições para que a sala de aula fosse um espaço de pertencimento. A experiência de dividir a atenção com as crianças que acompanhavam as mães às aulas, como no caso da aluna Maria, que amamentava enquanto tentava se concentrar, revelou a necessidade de olhar para além do quadro negro e do livro didático, e de compreender o aprendizado como um movimento integrado com as condições materiais e afetivas da vida dessas mulheres. Essa escuta da diversidade implica reconhecer que a aprendizagem, para aquelas alunas, não era um ato isolado, mas sim um processo interligado com a sobrevivência, o cuidado, a maternidade e o trabalho.

As narrativas que descrevem o acolhimento inicial das alunas, o medo de não “dar conta” das expectativas da turma e a surpresa com o entusiasmo de algumas alunas mais velhas (como Dona Mocinha, com seus cerca de 78 anos), exemplificam como o estágio se tornou um espaço de aprendizado mútuo. A estudante-estagiária, inicialmente temerosa diante do desafio, foi progressivamente se deslocando da posição de transmissora para a de aprendiz, aprendendo a ouvir e a se deixar afetar

pelas histórias de vida que se entrelaçam na rotina da EJA. A mediação pedagógica, portanto, não foi um mero dispositivo técnico, mas uma prática situada, enraizada nas relações estabelecidas e nos encontros vividos, que teceu uma rede de confiança e respeito entre a estagiária e as alunas.

Essa escuta da diversidade, construída na experiência autobiográfica, desvelou a potência do estágio como espaço formativo, no qual as fronteiras entre ensinar e aprender se tornaram permeáveis e fluidas. A cada atividade proposta – seja na alfabetização, seja na introdução de noções matemáticas – havia uma tentativa de ressignificar os conteúdos escolares, tornando-os relevantes para aquelas mulheres que, mesmo carregando os corpos cansados das lutas diárias, permaneciam ali, sustentadas pela esperança de que o aprendizado poderia transformar, ainda que minimamente, suas vidas e a de seus filhos.

A mediação pedagógica, na experiência aqui narrada e analisada, não se restringiu à prática da estagiária, mas se ampliou na construção coletiva da aprendizagem, numa teia que entrelaçava os gestos da professora titular, as reivindicações das alunas, o apoio da gestão escolar e a própria disposição da estagiária em se implicar na experiência. Essa complexidade, vivida e refletida na escrita de si, evidencia que o estágio na EJA foi não apenas uma etapa acadêmica, mas um processo formativo no qual o ensino e a escuta se entrelaçaram na tessitura do cotidiano escolar.

A prática pedagógica na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) demanda uma mediação que reconheça a diversidade dos sujeitos e de suas trajetórias. Não se trata apenas de transmitir conteúdos escolares, mas de tecer relações que possibilitem o acesso ao conhecimento em diálogo com as experiências e saberes prévios dos educandos. Como destaca Paulo Freire (1996), a prática educativa é um ato dialógico, no qual educador e educandos se encontram para, juntos, problematizarem a realidade e constroem novos significados.

Essa perspectiva desafia a figura do professor enquanto mero transmissor, convidando-o a assumir o papel de mediador – alguém que favorece a interação entre os sujeitos e o saber, considerando as especificidades de cada um. A mediação não é um ato neutro ou técnico, mas uma prática atravessada pelas dimensões éticas e políticas da educação (Freire, 1996; Nóvoa, 2009). Em contextos como a EJA, marcados por trajetórias interrompidas, desigualdades sociais e múltiplas formas de

exclusão, essa mediação ganha contornos ainda mais desafiadores, exigindo escuta atenta e respeito à diversidade.

A escuta, aqui, ultrapassa o simples ouvir. Ela se configura como um gesto pedagógico essencial para reconhecer a singularidade do outro, suas histórias de vida, seus modos de aprender e seus ritmos. Como propõe Larrosa (2017), a escuta educativa implica abrir-se para o imprevisível e para o inacabado, permitindo que o encontro com o outro seja um espaço de invenção e de transformação. No caso da EJA, a escuta se torna ainda mais urgente diante das narrativas de silenciamento e invisibilidade que permeiam a vida de muitos educandos, especialmente mulheres negras, mães e trabalhadoras.

Ao construir relações pedagógicas fundamentadas na escuta e na mediação, o professor-estagiário não apenas transmite conteúdos escolares, mas acolhe as subjetividades que compõem o espaço educativo, tornando-se um coautor dos processos de aprendizagem. Essa mediação, por sua vez, não é um caminho linear, mas se constrói no movimento dialético entre acolher e desafiar, entre reconhecer e tensionar, entre o cuidado e a provocação intelectual (Macedo, 2000).

A mediação pedagógica e a escuta da diversidade tornam-se fundamentos para pensar a prática docente como uma experiência relacional, ética e estética, que possibilita a construção de outros modos de estar e aprender no mundo. Essa perspectiva se articula à proposta de formação docente que considera o professor como sujeito histórico, atravessado por memórias e afetos, capaz de reconstruir o vivido e abrir-se à alteridade (Freire, 1996).

Portanto, a mediação e a escuta, especialmente no contexto da EJA, são mais do que estratégias pedagógicas: são compromissos ético-políticos com a emancipação dos sujeitos, com o direito à educação e com a construção de espaços educativos que reconheçam e valorizem a pluralidade das experiências humanas.

Conflito e elaboração identitária

A imersão no contexto da EJA, descrita nas narrativas, não foi um percurso linear, tampouco isento de tensões internas e externas. Pelo contrário, as primeiras semanas de estágio foram marcadas por um conflito profundo entre a identidade de estagiária e a exigência de assumir, ainda que provisoriamente, o papel de professora responsável. Essa transição, precipitada pela necessidade de substituir a docente

titular devido a problemas de saúde, catalisou uma série de questionamentos e reflexões sobre as fronteiras entre o “estar aprendendo” e o “estar ensinando”.

O relato de assumir a sala, inicialmente por cinco dias e, posteriormente, por um período mais extenso, não apenas deslocou a função originalmente atribuída à estagiária, mas também produziu uma reorganização subjetiva e identitária. Essa experiência forçada, embora nascida de uma urgência prática, se constituiu como um espaço de elaboração, no qual os medos iniciais – de fracassar, de não conseguir “dar conta”, de ser julgada pelas alunas e pela escola – foram sendo ressignificados a partir do contato real e constante com a turma.

O conflito identitário que se instaurou nesse momento não pode ser reduzido a um embate individual entre insegurança e superação. Ele se desdobrou em camadas mais profundas, nas quais o pertencimento familiar e comunitário da estagiária se entrelaçou com o campo profissional. A presença da tia Marina na turma, por exemplo, gerou um embate íntimo: como ser professora de alguém que, na esfera familiar, ocupa o lugar de afeto e respeito? A vergonha e o medo mencionados nas narrativas, ao confrontar a expectativa de “ensinar” a própria tia, foram atravessados por lembranças compartilhadas, histórias de vida interconectadas e um sentimento de dívida afetiva que ia além do papel acadêmico. Essa situação não apenas tensionou a construção identitária da estagiária como futura educadora, mas também ressignificou o próprio sentido da prática pedagógica: ensinar deixou de ser uma tarefa técnica para se tornar um gesto ético, comprometido com a história coletiva e familiar.

Além disso, os relatos destacam a convivência com mulheres que, apesar das limitações impostas por rotinas exaustivas e responsabilidades múltiplas, carregavam consigo uma força de resistência. Personagens como Dona Mocinha, com sua alegria e disposição para aprender, e Maria, equilibrando o cuidado com os filhos e a participação nas aulas, tornaram-se espelhos nos quais a estagiária se viu refletida. O reconhecimento dessas trajetórias, tão diferentes e ao mesmo tempo tão próximas, operou como um dispositivo de elaboração identitária, no qual as fronteiras entre a educadora e a educanda se embaralharam, permitindo à estagiária perceber a própria formação como um processo contínuo e permeado pelas histórias do outro.

A presença dessas mulheres também escancarou os limites das práticas educativas tradicionais, revelando que a escola – e, por extensão, a própria atuação docente – precisa ser repensada a partir das condições reais de vida dos sujeitos. O conflito identitário, portanto, não se restringiu à relação da estagiária consigo mesma,

mas se expandiu para uma crítica ao modelo escolar que, mesmo acolhendo, por vezes não consegue romper com as lógicas excludentes e rígidas que dificultam o acesso e a permanência de sujeitos historicamente marginalizados.

A escrita de si, neste estágio, tornou-se um espaço para reconfigurar esse conflito, narrar o desconforto e, sobretudo, construir um novo sentido para a prática pedagógica. Cada linha escrita foi atravessada pela tentativa de compreender como se tornar professora em meio às incertezas e às contradições do cotidiano escolar. Essa elaboração identitária, longe de ser um processo concluído, apresentou-se como um movimento espiralado, no qual experiências vividas e memórias pessoais se entrelaçam, abrindo espaço para a constituição de uma docente capaz de ouvir, acolher e se transformar junto com os sujeitos da aprendizagem.

A experiência formativa na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) não se limita ao domínio de conteúdos escolares, mas implica processos subjetivos e sociais que atravessam a constituição das identidades docentes e discentes. A identidade, compreendida aqui como construção relacional e dinâmica, é marcada por contradições, tensões e conflitos que emergem nos encontros cotidianos e nas situações pedagógicas (Dubet, 1996; Hall, 2006).

A prática do estágio na EJA, narrada de forma autobiográfica, revela esses conflitos identitários em diferentes planos: o do sujeito-estagiário, que se depara com o desafio de ocupar um lugar de autoridade docente frente a alunas mais velhas ou com quem mantém laços familiares; o das próprias alunas, que enfrentam o desafio de reinscrever-se no espaço escolar após trajetórias interrompidas; e o do coletivo da turma, que precisa negociar sentidos e valores em meio às exigências escolares e às experiências de vida.

A pedagogia crítica, especialmente na perspectiva freireana (Freire, 1996; 2005), destaca que o conflito é constitutivo dos processos educativos e pode ser mobilizado como oportunidade para a problematização e o crescimento. Não se trata de evitar o conflito, mas de compreendê-lo como parte do processo de elaboração identitária – tanto do educador quanto do educando. Na EJA, esses conflitos estão intensamente atravessados por questões de gênero, raça, classe e geração, que conferem à experiência formativa uma dimensão política e interseccional.

Ao assumir um lugar de docente provisória, como ocorreu na experiência narrada, a estagiária foi desafiada a reconstruir sua própria imagem de educadora. Essa reconstrução se deu não sem tensões: o medo inicial, o constrangimento diante

de relações familiares e o sentimento de insuficiência foram gradualmente elaborados no fazer pedagógico, na escuta atenta às alunas e na adaptação criativa às demandas da turma. A elaboração identitária, nesse contexto, emerge como um movimento dialético de enfrentamento e transformação: enfrentamento das inseguranças e das normas escolares e transformação das concepções sobre si mesma, sobre as alunas e sobre o próprio fazer educativo (Nóvoa, 2009).

Por outro lado, as alunas também elaboram identidades tensionadas entre o desejo de aprender e as limitações impostas por condições materiais, sociais e afetivas. Muitas carregam histórias de interrupção escolar, trabalho precoce, maternidade solitária e precariedade, que marcam suas trajetórias e produzem conflitos internos entre a valorização da escolarização e a urgência das demandas da vida cotidiana (Arroyo, 2007; Candau, 2012). A escola, nesse sentido, pode se tornar um lugar ambíguo – simultaneamente espaço de resistência e de tensão.

Dessa forma, o conflito e a elaboração identitária se tornam categorias analíticas essenciais para compreender a complexidade da experiência formativa na EJA. Eles evidenciam que a docência e o aprender não são processos lineares ou previsíveis, mas movimentos entre rupturas e reconstruções, entre o medo e a coragem, entre a dor e o aprendizado, que configuram novas possibilidades de ser e estar no mundo (Larrosa, 2017).

Escrita de si e ressignificação formativa

A experiência do estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) não apenas possibilitou a vivência da prática educativa, mas também produziu a necessidade e o desejo de narrar e compreender essa vivência. A escrita de si, que emerge nesta carta, não é um simples relato de fatos cronológicos, mas sim um exercício reflexivo e formativo, no qual o vivido é revisto, interpretado e ressignificado.

A escrita autobiográfica, neste contexto, tornou-se um instrumento metodológico de elaboração e mediação da experiência, permitindo à estagiária dar forma e sentido ao que foi vivido. A materialização das memórias em palavras funcionou como uma lente através da qual o cotidiano da EJA – suas dificuldades, seus encontros, suas evasões e resistências – pôde ser observado com mais nitidez e profundidade. Essa escrita, ao mesmo tempo confessional e analítica, colocou a

estagiária no duplo papel de sujeito e objeto da pesquisa: sujeito que vive e escreve; objeto que se observa e se interpreta.

As memórias evocadas – como a presença marcante da tia Marina, os diálogos com Dona Mocinha e a luta diária de Maria – foram organizadas em narrativas que atravessam o texto e configuram-se como marcas da experiência. Nessas memórias, destaca-se a tomada de consciência de que a escola, por mais bem-intencionada, ainda não está plenamente preparada para acolher as múltiplas realidades das mulheres e mães trabalhadoras que a frequentam. Essa constatação foi tecida na narrativa não como denúncia distante, mas como uma reflexão implicada, na qual a própria estagiária se reconhece como parte do contexto e como aprendiz de um saber que não se ensina nos livros: o saber da escuta atenta, do acolhimento e da paciência.

A escrita de si permitiu, portanto, ressignificar o estágio não como um cumprimento de carga horária obrigatória, mas como um percurso de formação que atravessou fronteiras identitárias e institucionais. Ao narrar a experiência com o afastamento da professora titular, por exemplo, a estagiária reconhece a transição forçada entre a posição de aprendiz e a de responsável pela turma como uma vivência liminar, que deslocou seu modo de ser e estar na escola. Essa transição, longe de ser confortável, foi atravessada por medos, mas também por descobertas – a principal delas, a compreensão de que a docência se faz, antes de tudo, na relação com o outro.

Ao final, a escrita autobiográfica configura-se como um dispositivo de síntese e projeção, no qual as aprendizagens acumuladas durante o estágio na EJAI se transformam em matéria para pensar e repensar a prática docente. O processo formativo, assim, não se encerra na sala de aula, mas se prolonga na capacidade de narrar, refletir e reconstruir o vivido, abrindo espaço para a emergência de um sujeito docente que reconhece suas fragilidades e potencialidades, e que é capaz de aprender com as histórias que se entrelaçam com a sua própria.

A escrita de si emerge como prática formativa que não apenas registra a experiência, mas a reinscreve e a ressignifica no campo da subjetividade e da profissionalidade docente. Inspirada nas concepções de Michel Foucault (1992), essa prática é entendida como um gesto de cuidado de si, no qual o sujeito refaz sua história, reelabora seus lugares de enunciação e atribui novos sentidos àquilo que viveu. Ao narrar sua trajetória no estágio da EJAI, a autora deste trabalho não apenas relata, mas também reconstrói os fios de sua identidade em processo (Josso, 2004).

No contexto da formação de professores, a escrita autobiográfica se inscreve como prática epistemopolítica (Passeggi; Abrahão, 2013), pois desafia o discurso hegemônico da objetividade e valoriza os saberes situados, subjetivos e corporificados. Essa abordagem compreende que a formação não se dá apenas pelo acúmulo de conteúdos ou técnicas, mas pelo exercício reflexivo de lembrar, nomear e significar a própria experiência (Delory-Momberger, 2012).

A resignificação formativa ocorre, assim, por meio de um duplo movimento: interno, ao revisitarmos e reelaborarmos nossas experiências; e externo, ao compartilharmos narrativas que dialogam com os outros e provocam novas leituras. No caso do estágio na EJA, esse movimento de escrita de si permitiu à estagiária reconhecer o valor de sua contribuição como educadora, ainda que estagiária, e o impacto de sua presença e escuta nas vidas das alunas. Essa prática potencializa não apenas a constituição da identidade docente, mas também a construção de uma memória profissional que valoriza o sensível, o singular e o vivido.

Freire (1996) já indicava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A escrita autobiográfica, nesse sentido, articula a leitura e escrita do mundo vivido, permitindo à autora deste trabalho compreender as relações de poder, exclusão e resistência que atravessam o contexto da EJA. Ao narrar as histórias de Marina, Dona Mocinha e Maria, o texto ultrapassa o registro individual e tece uma memória coletiva que valoriza o lugar dessas mulheres na educação e na sociedade.

Além disso, a escrita de si na formação docente não se limita ao relato, mas constitui um ato político e pedagógico, pois desafia silêncios, denuncia desigualdades e projeta futuros possíveis (Passeggi, 2008). A estagiária, ao escrever sua carta, inscreve-se como sujeito ativo na construção de saberes e reafirma a potência transformadora da escuta, da observação e da intervenção pedagógica.

Assim, a escrita de si e a resignificação formativa se apresentam como estratégias cruciais para compreender e intervir no processo de formação docente, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade e resistência como a EJA. Essa abordagem confere densidade e profundidade às narrativas formativas, resgatando a potência criativa e emancipadora da memória, da experiência e do ato de escrever.

4 Conclusão

A análise do material autobiográfico produzido pela autora, por meio da **análise textual discursiva** (Moraes; Galiazzi, 2011), revelou dimensões entrelaçadas que atravessam a experiência de estágio na EJA. A construção das categorias – **mediação pedagógica e escuta da diversidade; conflito e elaboração identitária; e escrita de si e ressignificação formativa** – emergiu da imersão nas narrativas, marcada por leituras atentas e interpretações sensíveis das situações vividas e relatadas.

Na categoria **mediação pedagógica e escuta da diversidade**, as experiências cotidianas em sala de aula evidenciam o papel do estágio como espaço de diálogo e construção compartilhada de saberes. As observações iniciais destacam a centralidade da escuta atenta às necessidades e histórias de cada aluna – muitas delas mulheres negras, trabalhadoras, mães e avós que carregam trajetórias de exclusão e resistência. As decisões pedagógicas, como a escolha de conteúdos que mesclavam leitura, escrita e matemática, foram moldadas pelo reconhecimento das demandas da turma e pelo respeito à diversidade de ritmos, saberes e trajetórias. A mediação, assim, extrapolou a simples transmissão de conteúdos e se constituiu como prática inclusiva e afetiva, fortalecendo vínculos e despertando o interesse das alunas, mesmo diante das adversidades enfrentadas.

A segunda categoria, **conflito e elaboração identitária**, evidencia as tensões e superações vivenciadas no processo formativo. O estágio na EJA confrontou a estagiária com medos e inseguranças, como o receio de ensinar sua própria tia ou assumir a sala na ausência da professora titular. Esses momentos de conflito, longe de serem paralisantes, impulsionaram um movimento de elaboração identitária, no qual a estagiária pôde reconhecer-se como educadora, ainda que iniciante. O enfrentamento dessas situações mobilizou estratégias de acolhimento e responsabilidade, que culminaram na construção de uma postura mais confiante e consciente do papel social do educador. O diálogo constante com as alunas, especialmente com figuras como Dona Mocinha e Maria, permitiu à estagiária confrontar preconceitos e ampliar sua compreensão sobre o impacto das condições sociais e de gênero na trajetória educacional dessas mulheres.

A terceira categoria, **escrita de si e ressignificação formativa**, articula as dimensões narrativas e reflexivas do percurso formativo. Ao escrever a carta, a autora

não apenas registrou sua experiência, mas a reinterpretou, reconfigurando os sentidos atribuídos ao estágio e à própria formação. Esse gesto de escrita permitiu-lhe reconhecer que a presença na EJA ultrapassou o papel de estagiária: foi uma contribuição concreta à construção de percursos educativos mais justos e sensíveis. As histórias de Marina, Dona Mocinha e Maria não são apenas memórias isoladas, mas compõem uma memória coletiva de resistência e aprendizado. O ato de narrar essas experiências inscreve a autora no campo do compromisso ético-político com a educação, dando visibilidade às trajetórias frequentemente invisibilizadas de mulheres negras, mães e trabalhadoras.

Essa análise evidencia que o estágio na EJA, ao ser narrado em primeira pessoa e iluminado pelas categorias emergentes, **transcende a simples experiência acadêmica**. Ele se torna campo de disputa de sentidos, de construção de saberes plurais e de elaboração de uma identidade docente que se ancora na escuta, no acolhimento, na reflexão e na escrita. As interações com as alunas, a escuta de suas histórias e a compreensão das barreiras que enfrentam para permanecer na escola compõem um cenário que desafia modelos educativos tradicionais e convoca a prática pedagógica para o compromisso com a transformação social.

Portanto, a análise evidencia que a mediação pedagógica, a elaboração identitária e a escrita de si são dimensões indissociáveis no processo de formação inicial docente, especialmente quando ancoradas em experiências concretas, como as vivenciadas na EJA. A tessitura dessas dimensões, articuladas por uma narrativa autobiográfica densa e crítica, revela o potencial da escrita formativa como ferramenta de resistência, memória e transformação.

A trajetória delineada ao longo deste artigo revela a potência formativa do estágio na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA), cuja análise foi tecida a partir das dimensões de mediação pedagógica e escuta da diversidade, conflito e elaboração identitária, e escrita de si e resignificação formativa. A experiência, narrada em primeira pessoa, transcende o relato pessoal ao inscrever-se como gesto epistêmico e político de resistência e reconstrução de sentidos sobre o ser educadora.

A presença da estagiária em uma turma formada majoritariamente por mulheres negras e trabalhadoras evidencia a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis e comprometidas com a realidade dos sujeitos que frequentam a EJA. A mediação pedagógica não se restringiu a estratégias de ensino, mas se desdobrou

em escuta atenta, respeito às trajetórias individuais e construção compartilhada de saberes, resgatando o direito à educação como possibilidade de emancipação.

Os conflitos vivenciados – especialmente aqueles relacionados ao medo de assumir responsabilidades ou à insegurança diante do desafio de ensinar a própria tia – foram elementos mobilizadores da identidade docente. Esses momentos de crise e superação possibilitaram à estagiária refletir sobre os papéis que desempenha e as escolhas que faz, elaborando sua posição enquanto educadora que compreende o ensino como um ato político e ético.

A escrita de si, por sua vez, não apenas registrou memórias, mas operou uma ressignificação da experiência. O relato autobiográfico, ao narrar encontros e aprendizados, inscreve no texto uma memória coletiva e crítica, que dá visibilidade às histórias e lutas das alunas da EJA. Esse gesto de escrita torna-se, assim, um recurso potente para consolidar aprendizagens e para projetar ações futuras mais sensíveis, inclusivas e transformadoras.

Em síntese, a análise realizada demonstra que a formação inicial docente, ancorada em experiências concretas e mediada pela reflexão narrativa, amplia a compreensão sobre a complexidade das práticas educativas e fortalece o compromisso ético-político com a construção de uma escola pública mais justa. A escrita autobiográfica, nesse processo, emerge não apenas como técnica de registro, mas como prática reflexiva que articula memória, identidade e ação, alimentando uma formação docente situada, plural e crítica.

Referências

- ARROYO, Miguel Gonzáles. Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 235-250, 2012.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012.
- DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de pesquisa**, p. 29-45, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. A pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Autêntica, 2017.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- NÓVOA, António. Conhecimento profissional docente e formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. e270129, 2022.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. Introdução. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: 1988. p. 9–16.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 02, p. 147-156, 2011.
- PASSEGGI, Maria da conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 67- 86, 2016.